PREFÁCIO. IHOR, HOME. AYLAN…

Francisco Azevedo Mendes

Aceitando o vaivém ininterrupto entre a Europa e o Mundo, este livro estabelece uma relação diversificada, uma dinâmica que ora desliza sobre a vaga das decisões financeiras e dos comportamentos económicos, ora nos deixa confrontados com as palavras e o chão pisado e imaginado pelos europeus e pelos seus congéneres nas suas derivas intra e intercontinentais. Minuciosamente atento às possibilidades de uma linguagem maior, na cadência dos problemas tratados em cada um dos textos – quais entradas disciplinarmente independentes de um dicionário em construção, como linguagens e escalas, crises e vagas, economias (e) políticas, uniões e continentes, guerras e paz, Estados e patriotismos, saltos e expectativas, paisagens e futuro –, ensaia-se a pergunta sobre o estranhamento das presenças entre o Mundo e a Europa, mergulhando na errância temporal que se espera de uma investigação sem teleologias fixistas e exclusivamente predeterminadas, vigilante das suas lógicas implacáveis, competindo com elas, descobrindo-as no próprio processo de identificar e problematizar sujeitos, sistemas e agenciamentos, correlações que provocam outros tantos questionamentos.

Chamo estranhamento à condição de não tomar como evidente e com conteúdo previamente codificado o que se designa de Europa, de não tomar como previsível essa ligação entre a Europa e o Mundo, quaisquer ligações, começando pelas que se tecem dentro da Europa. As ligações são imprevisíveis, fazem parte da combustão ininterrupta do Mundo, das suas partes, europeias ou não. Algumas dessas ligações tecem as identidades momentâneas que reinventam o nome europeu. Não evidência e imprevisibilidade que se alimentam das crises do século XXI. Crises que ecoam, como faz parte da sua natureza ambígua, as estruturas recônditas da realidade social e histórica.

Em bom rigor, o livro arranca, refrata e analisa a primeira crise económica e financeira do século XXI, e projeta-se, sem o poder saber antes, na primeira crise pandémica, que surpreendeu a sua publicação, reinicializando-o. O livro já será lido num tempo que descreve uma curva onde a massa produzida pelo homem superará a própria biomassa da terra, onde, a meio de uma pandemia, a União Europeia programou uma próxima geração que, nos seus termos, providenciará a recuperação da própria União, da Europa nela contida. Uma ou várias de várias Europas. À ação planeada chamou-se, paradoxalmente, bazuca, uma injeção financeira sem precedentes na União, equiparável, apesar das diferenças, ao Plano Marshall de recuperação dos escombros europeus após 1945. A essa bazuca agrega-se a defesa do Estado de direito, definido nos termos da União como um mecanismo que recobre a transparência democrática, visando um reconhecimento mais eficiente, aparentemente musculado pelo dinheiro, dos valores da liberdade e dos seus direitos. Este fundo do livro torna-se crucial para entender a sua atração, a sua coerência causticada por uma historicidade intempestiva, produzindo uma dupla hélice que motiva a sua atualidade crítica. Tentarei assinalar algumas incidências que o livro e os seus autores ajudam a questionar, a relacionar, a reconstruir.

O salto da next generation.eu e as expectativas são enormes. Decorre da leitura do plano forjado em maio de 2020 a necessidade de acautelar as relações europeias no Mundo através de uma dupla transição entendida como garantia de um futuro solidário, a transição ecológica e digital. Sublinha-se a necessidade de evitar uma grande corrida planetária "para ver quem fica em primeiro lugar, acima e em detrimento de todos os outros". Na linguagem e nas suas escalas, as distopias assaltam e deixam uma margem curta ao pensamento utópico que se reinstala na vontade de reparar os danos e preparar a próxima geração. O investimento armado nos mecanismos tratadísticos e orçamentais não deixa, também ele, grande margem para a reinvenção das alternativas, elas têm de ser negociadas vezes sem fim. O futuro sem ainda o ser já é um regime, o que exige, em jeito de contrapeso, desinstalar a história, os seus passados, tornando-os criticamente disponíveis para descolonizar as paisagens, sob pressão planetária. Neste contexto, as memórias não podem servir como apetrechos que patrimonializam as identidades europeias, antes devem ser lidas como dissonâncias que cruzam a mobilidade voluntária e involuntária das pessoas e das nações, conferindo-lhes uma plasticidade crítica, onde a paz continuará a ser um intervalo precário nos campos de batalha. A presença das crises económicas e financeiras, das ruturas e dos cortes que operam, não ilude a continuidade de uma lógica que acentua as desigualdades globais, apesar de tudo. A economia é

nesse sentido a continuidade da política, do jogo dos grandes e dos pequenos poderes. A pergunta sobre as uniões, europeias ou outras, e a pergunta global sobre os Estados e a emergência de novos patriotismos reservam, também aqui neste livro, a pergunta sobre a possibilidade de uma comunidade por vir, de uma subjetividade marcada por ligações não tomadas como evidentes e tidas como altamente imprevisíveis, objetivamente divergentes.

Por tudo isto, reentrada mínima das suas inúmeras potencialidades, este livro é uma atração para o tempo que se aproxima. Um convite lúcido e densamente informado para ler a próxima geração, na Europa e no Mundo. O livro é um dicionário rigorosamente indisciplinado em direção a 2021.